

O Sequestro

Uma Aventura da
Detetive Carolina Mendonça

César Costa

Copyright © 2018 César Costa

Título: O Sequestro

Capa, revisão e diagramação: César Costa

1ª Edição

Costa, César

O Sequestro / César Costa - Rio de Janeiro.

74 p.; II.

1. Literatura brasileira; 2. Ficção policial/infanto-juvenil; 3. Romance brasileiro; I. título



Todos os direitos reservados.

<http://www.cesarcosta.com.br>

AGRADECIMENTOS

Obrigado à minha família e amigos
que me aturam sempre.
— César Costa



DEDICATÓRIA

Para todos aqueles que, de algum modo, me incentivaram
e apoiaram neste caminho e neste trabalho.

– César Costa



Sumário

Capítulo 1	O Sequestro	11
Capítulo 2	A Detetive Juvenil	15
Capítulo 3	Uma Testemunha Ocular	21
Capítulo 4	As Primeiras Buscas	25
Capítulo 5	Henrique	31
Capítulo 6	Muito Que Fazer	35
Capítulo 7	O Cativoiro	41
Capítulo 8	O Caso do Delegado	45
Capítulo 9	Um Dia Cheio de Emoções	53
Capítulo 10	Tão Perto da Verdade	63
Capítulo 11	Num Sótão Escuro	69
Capítulo 12	A Secretária do Doutor	71





Capítulo 1 O Sequestro

A notícia estava em todos os jornais. O sequestro já durava quatro dias. A polícia aguardava o contato dos bandidos, mas este nunca chegava. Os pais da menina sequestrada já não aguentavam mais a falta de informações e faziam apelos diários nos jornais e na televisão, implorando pela libertação da filha. Toda a polícia do Rio de Janeiro estava empenhada em descobrir o local do cativo. O Delegado Mendonça assumira pessoalmente as investigações. O caso causava muita comoção pública e as autoridades já *estavam em seu pescoço*, querendo uma solução rápida.

– Sim, senhor, eu sei. As medidas cabíveis já foram tomadas. Secretário, não é preciso me relembrar a importância do caso, o senhor sabe bem que me interesso particularmente pelo assunto. Sim, senhor, assim que tiver novidades.

Mendonça desligou o celular, soltou um grande suspiro e colocou o telefone móvel dentro do bolso da calça.

O SEQUESTRO

Sentou-se por um instante para colocar as ideias no lugar. A papelada em cima da mesa parecia interminável. Ele só queria que tudo desaparecesse, que nada daquilo tivesse acontecido. O Delegado já estava esgotado. Nos últimos três dias não tinha dormido mais que quatro horas por noite. Estava parecendo cinco anos mais velho depois da angústia vivida naqueles momentos intermináveis. Já não aguentava mais. Não fosse a ajuda dada pelo Fontes, ele já teria sucumbido ao desespero.

O Delegado Mendonça limpou o suor da testa, levantou-se e foi até o banheiro da delegacia. Olhou-se no espelho e quase não se reconheceu. Estava pálido e abatido. Mas o pior é que não fazia ideia de quantos dias mais seu martírio duraria. Lembrou-se da jovem no cativo, imaginou o quanto estaria sofrendo e envergonhou-se por seu egoísmo. Tentou afastar da cabeça o tipo de crueldades às quais a moça estaria sendo submetida, era demais para uma mente tão cansada. Precisava prosseguir a qualquer custo e resolver, o quanto antes, o problema. Sentou-se em uma das privadas com a tampa ainda fechada e apoiou os cotovelos nas coxas. Nem percebeu quando Fontes entrou no banheiro.

– Delegado? – disse o homem, cautelosamente.

Mendonça ergueu os olhos, desanimado.

– Ah! Olá, Fontes. Diga-me que temos alguma novidade. – implorou.

– Sinto muito, Delegado. Nem sequer uma ligação ou

CÉSAR COSTA

uma nota de resgate.

– Não faz sentido...

– Qual o propósito de sequestrar alguém e não pedir resgate? – o amigo coçou a cabeça.

– Qual o propósito de sequestrar alguém? – o Delegado remendou a pergunta.

– Pois é, mas não podemos desanimar, sei que ainda a encontraremos com vida.

– A que preço, Fontes? Que sorte de maldades ela já terá sofrido? Valeria a pena viver com tamanho trauma? – Mendonça socou a porta do banheiro.

– Não vamos nos desesperar, Mendonça, vamos trabalhar pensando no melhor cenário.

– Servir e proteger... Em que mundo vivemos, Fontes?

– Num mundo onde precisamos ser fortes e ajudar os inocentes.

Mendonça encarou o homem e, por um segundo, conseguiu sorrir. Levantou-se, deu um tapinha nas costas do detetive, e amigo, e voltou para seu escritório, para sua papelada interminável e para seu caso insolúvel.





Capítulo 2

A Detetive Juvenil

Era apenas mais um dia normal para Carolina Mendonça. Depois de uma sessão maçante de dois tempos de física, um de literatura e mais dois de geografia, ela só pensava em ir para casa descansar. Mas antes, é claro, não podia deixar de passar com as amigas Isabela, Nicole e Camile na lanchonete da esquina para tomarem um sorvetinho. Encontrou-se com as garotas na saída do colégio e caminharam animada e barulhentemente até o estabelecimento.

– Seu Ferreira, manda aí pra mim um sorvete de baunilha! – pediu Carolina.

– Para mim e para a Nick é de morango, seu Ferreira.
– falou Isabela.

– E você, Camile, qual o sabor? – Carolina perguntou, animada.

– Hum... Acho que hoje não vou querer nada.

– O Quê?! – perguntaram todas ao mesmo tempo.

– *Peraí*, deixa eu ver se ela está doente. – Nicole colocou

O SEQUESTRO

a mão na testa da amiga.

Todas caíram na gargalhada, inclusive Camile.

– Não é nada disso, suas bobas. É que fui ao dentista tratar um canal. Deveria ter voltado anteontem para terminar o serviço, mas o homem desapareceu. Minha mãe já tentou marcar com outro, mas está difícil. *Eita* profissãozinha de agenda lotada essa tal odontologia!

– Como assim? O dentista sumiu? – Isabela ficou confusa.

– Isso mesmo! – replicou Camile.

– Mas sumiu de ter ido pra algum lugar sem avisar antes, ou sumiu de desaparecer de verdade mesmo? – Nicole quis saber.

– Sumiu de sumir mesmo, gente. Ninguém sabe onde se enfiou, nem a secretária dele, nem ninguém. – falou a menina cariada.

– Hum... Isso me parece um caso para a Super-Carolina, a detetive juvenil! – ironizou Isabela, caindo na gargalhada.

– Para, gente, é sério. O homem sumiu e vocês ficam rindo?! – Carolina ficou indignada.

– Ah! Carolina, o cara deve ter viajado pra alguma praia pra descansar uns dias, fala sério, desencana! – disse Camile.

– Mas o homem é um profissional, no mínimo deixaria a secretária de sobreaviso. Isso está muito estranho – falou a jovem detetive.

CÉSAR COSTA

– Você bem que poderia investigar, não é, Carolina? – pediu Isabela.

– Não sei, gente, meu tio tem andado muito ocupado; e sozinha fica difícil. Além disso, já o coloquei em muitas confusões. – respondeu Carolina.

– Ah, mas no fim sempre deu tudo certo, Carolina. Tenta vai! Minha dor de dente está me matando. – insistiu Camile.

– Tudo bem, mas não vou incomodar meu tio. Vou investigar até aonde eu conseguir chegar sozinha. – Carolina encerrou a discussão.

Após o sorvete, Camile passou para Carolina o endereço do consultório, o número do telefone e o nome de seu dentista. Disse que deveria falar com sua secretária, uma moça morena e antipática. A detetive amadora anotou tudo em seu bloquinho, mas não tinha muitas esperanças de encontrar o verdadeiro motivo do sumiço do dentista, ainda mais sem a ajuda de seu tio, que andava tão atarefado nos últimos dias. A garota dirigiu-se para sua casa e, após um gostoso almoço preparado por sua mãe, recolheu-se em seu quarto para descansar e traçar o planejamento da sua mais nova missão.

Após descansar, mais ou menos duas horas, a menina levantou-se e ligou seu *notebook* com *skin* rosa. Navegando pela internet, encontrou a lista de telefones on-line do Rio de Janeiro e procurou nela o nome do dentista. Descobriu, assim, qual o endereço do novo objeto de suas investigações.

O SEQUESTRO

Como suspeitava, o homem morava em uma zona nobre da cidade. Ser dentista realmente dava bastante dinheiro, concluiu.

Pesquisou um pouco mais e encontrou o *site* do famoso consultório do doutor Hermínio Paschoal. Em uma grande fotografia, ele exibia um sorriso mais branco que camiseta nova no plástico. Navegou um pouco mais e viu os inúmeros serviços que o homem oferecia, desde o tratamento de uma simples cárie até os mais modernos implantes dentários, além da colocação de *piercings* e todo o tipo de modismo dental.

Mais uma vez, a detetive ficou impressionada e pensou que o dentista era profissional demais para apenas desaparecer sem dar satisfações a ninguém. Sua clientela era de gente poderosa, rica, chique e cheia de chique. Seria um suicídio profissional desaparecer apenas por molecagem. Carolina resolveu voltar atrás e incomodar o tio só um pouquinho. Pegou o celular e discou o número do Delegado.

– Alô. Tio Victor? Aqui é a Carolina.

– *Olá, Carolina, como está?* – respondeu o policial do outro lado da linha.

– Estou bem, tio. Sei que o senhor anda muito ocupado e não quero atrapalhá-lo, mas sabe me dizer se foi registrado o desaparecimento de um dentista chamado Hermínio Paschoal?

– *Hermínio Paschoal? Hum... Não que eu me lembre,*

CÉSAR COSTA

Carolina, mas é preciso verificar. Vou passar a ligação para a Paula que é quem cuida disso e ela já fala para você.

– Ok, tio, muito obrigada. É bom trabalho para o senhor!

– *Tudo bem, Carol, obrigado. Boa tarde para você.*

Após a breve conversa, o Delegado passou o telefone para a senhora Paula que verificou os registros e informou a jovem detetive de que não havia nenhuma ocorrência com o nome do dentista. A menina agradeceu e desligou o telefone. Pegando uma caixa de seus bombons favoritos, ela voltou para a Internet e procurou um pouco mais sobre Hermínio Paschoal.

Acabou encontrando-o em uma rede social, viu suas fotos com uma bela namorada. Quis saber quem era a moça. Denise de Moraes Bastos, descobriu. Mais uma vez a lista de telefones on-line foi de grande utilidade e logo Carolina anotava em seu bloquinho o endereço da moça. Pesquisou um pouco mais e encontrou também um *blog* de Denise que leu por alguns minutos.

“Como as pessoas fornecem gratuitamente informações altamente pessoais e íntimas por toda a internet”, pensou Carolina. É fácil saber quase tudo da vida de uma pessoa, até seus mais profundos sentimentos, como no caso de Denise que postara em seu *blog* o temor pelo término de seu relacionamento com Hermínio. Pensando nisso, a detetive rapidamente tirou alguns minutos para entrar em seu próprio perfil, excluir algumas fotos mais pessoais,

O SEQUESTRO

bloquear os álbuns e o mural para desconhecidos.

Voltando ao trabalho investigativo, verificou quais contatos do dentista postavam mais mensagens e assim concluiu que alguns deles fossem seus amigos mais chegados. Mais uma vez o trabalho de pesquisa ofereceu a ela informações precisas sobre pessoas de quem ela nunca tinha ouvido falar.

A noite se aproximava, após uma tarde de bastante trabalho, Carolina julgava o primeiro dia muito proveitoso. Conseguira preciosas informações sobre o dentista, sobre sua namorada e de meia dúzia de amigos mais próximos, aos quais pretendia visitar nos próximos dias. Já cansada, a jovem detetive desistiu de fazer mais pesquisas, colocou o *notebook* na mesa da escrivaninha e deitou-se para dormir. Enquanto dormia, alguém, em algum ponto do Rio de Janeiro acessava seu perfil em uma rede social e invadia seu computador, visualizando seus últimos acessos e pesquisas realizadas.